

Dulce C.A. WHITAKER

ROSZACK, Theodore, org. — *La contestación universitaria: universidad y política en los Estados Unidos*. Barcelona, Ed. Península, 1973. 239 p.

A edição original deste livro foi publicada no final dos anos 60 nos Estados Unidos sob o título *The Dissenting Academy*. Tenho em mãos a edição espanhola publicada durante os anos 70. Não é obra recente, mas merece uma leitura atualizada, em conexão com as ameaças de implantação do ensino superior pago em nosso país. Face às contradições geradas por argumentos poderosos que impressionam por um certo tipo de lógica dita racional, este livro tem o efeito didático de nos alertar para os perigos da instrumentalização do saber científico, a partir de interesses outros que não os ligados ao bem-estar da humanidade.

Seria suficiente analisar detidamente a introdução do organizador, cujo título sugestivo é em si bastante revelador — “A propósito de delinquência acadêmica”, para se ter uma idéia dos perigos envolvidos em qualquer proposta de transformar conhecimento em mercadoria. Acaba-se por produzi-lo em conformidade com as leis do mercado, isto é, de acordo com as preferências do consumidor que melhor possa pagar.

O livro — um incrível processo de autodenúncia universitária — é parte da resistência que mobilizou minorias intelectuais muito lúcidas nos Estados Unidos

contra a Guerra do Vietnã. Colaboraram nele, além do seu organizador, Theodore Roszack, especialista em História da Cultura Ocidental, o famoso e polêmico linguísta Noam Chomsky, seu companheiro de trabalho Louis Kampf, a antropóloga Kathleen Gouch e outros renomados cientistas, realizando, cada um, o balanço crítico da produção intelectual em sua área, e denunciando os “escândalos” e as “delinquências” da prática acadêmica norte-americana naquele momento histórico, prática essa provocada pelo pragmatismo com que se interpretou naquele país a “prestação de serviços à comunidade”. Segundo Roszack, o que foi proposto através do Morrill Land Act de 1862, com certo idealismo democrático, na medida em que, impelindo a Universidade à integração com a sociedade inclusive através da prestação de serviço, evitavam-se os perigos da pura erudição, acabou-se transformando — através da venda desses serviços — numa “indiscriminada adaptação da Universidade a qualquer demanda que interesses monetários e público em geral estivessem interessados em pagar”. Daí derivou, não só a criação de bacharelados em “seguros contra incêndios” e “administração de hotéis” como também, e o que é pior, a produção de estudos que orientaram a prática do genocídio e da es-

*Departamento de Ciências Sociais e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14.800 — Araraquara — SP.

pionagem pelo poder bélico norte-americano.

Algumas vezes pessoas até bem-intencionadas nos apontam a Universidade norte-americana como modelo de estrutura de ensino superior exemplar, e afirmam que tal se deve ao fato de cobrarem mensalidades dos alunos e altos custos pelos serviços que prestam à comunidade. Nesses momentos vale recordar a denúncia de Roszack sobre o “generoso mecenato” de um Industrial de extrema direita que doava verbas consideráveis a uma Universidade da Califórnia para sustentar um Instituto de Investigação que fornecia informações à CIA.

Respondendo à questão crucial — “de que maneira sua profissão e a comunidade acadêmica, em termos gerais, cumpriu com sua responsabilidade social e como deveria desempenhar as obrigações pedagógicas que a mesma acarreta?” onze especialistas norte-americanos prestam alguns testemunhos estarrecedores. Roszack denuncia a cooperação de intelectuais com as Empresas, com o Poder bélico e com poderosos burocratas que engajaram a Universidade em projetos de espionagem, genocídios e imposturas, mas não deixa de denunciar a erudição pura que tornou omissos muitos intelectuais frente a esses fatos. Acusa-os a todos de prostituir o saber, condena-os e equaciona a questão dos serviços à comunidade como crítica, participação e luta pela democracia. L. Kampf denuncia a alienação vivenciada por aqueles que optaram pelo academicismo literário enquanto Sumner Rosen denuncia os erros grosseiros de economistas mimados pelas benesses das empresas, que nunca perceberam dados da realidade que pudesse testemunhar contra as ideologias dominantes. S. Lynd critica contribuições dos historiadores ao estudo da guerra do Vietnã — “abundantes porém, inúteis”. O mais impressionante, porém entre os erros desses intelectuais denominados “paramilitares” que apoiaram o envolvimento dos

Estados Unidos nessa guerra, foi aquele cometido por especialistas em ciência política; “experts” em Sudeste Asiático, que proclamavam ser aquela uma guerra menor, comparada à que teriam que travar se a perdessem. E a perderam e nada aconteceu... Isso para não falar da colaboração de muitos desses intelectuais no escandaloso “projeto Camelot”.

Enfim são páginas reveladoras que desvendam uma Universidade profundamente comprometida com o aperfeiçoamento do arsenal nuclear do Estado belicista americano, através da colaboração de seus físicos e engenheiros; uma Universidade cujos biólogos trabalharam sob “contratos secretos” para desenvolver armas químicas e biológicas para o mesmo arsenal; uma Universidade, cujos humanistas endossaram e justificaram massacres do Vietnã, enfim, uma Universidade que necessitada de recursos vendeu-se para obtê-los.

A divulgação de fatos tão dolorosos não diminuem a Universidade norte-americana. Servem como denúncia contra os perigos do modelo que nos apontam como exemplar e oferecem ainda um ponto positivo. Afinal, as contradições da Universidade nos Estados Unidos engendraram o espaço possível da denúncia e da crítica. Para todos aqueles que vivem na periferia do capitalismo mundial (leia-se “países explorados”) e que vítimas da dominação e do colonialismo cultural estão participando do gigantesco complexo de inferioridade que permeia todos os graus de ensino no Brasil, o efeito de uma leitura pedagógica desses textos será benéfico.

O homem dominado, segundo Memmi, sofre profundamente uma recusa de si mesmo e não adianta afirmar que tal ideologia da dominação atinge somente os membros das classes subalternas. Em situação de dependência, tal ideologia permeia todo o pensamento social, desde as mais pobres regiões do terceiro mundo até os países que se projetam como potências

do futuro. As mentalidades podem variar, conforme demonstra a História, mas a Ideologia é a força poderosa que nos obstaculiza. O complexo de culpa de que falamos está atingindo professores e estudantes universitários abalados por seus “privilégios” numa situação em que 60% das crianças não têm escolas. Atacados pela “síndrome dos colonizados” perdem

de vista os verdadeiros privilegiados, que estão bem longe das Universidades.

A leitura deste livro é um poderoso antídoto contra essa melancolia que se abate sobre os indivíduos universitários, levando-os muitas vezes a endossarem propostas autoritárias, para expiar as suas culpas. Mais do que isso, porém, é um alerta contra a transformação do saber em mercadoria.